

EDUCOMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Leunice Martins de **Oliveira** – FACED/ PUC-RS

Resumo

Este estudo busca refletir sobre os entraves na implantação da Lei 10.639/03 e considera que o que está em jogo são novas formas de ensinar e aprender, aquelas garantidoras de diversidade de vozes e de protagonismos nas produções culturais sobre várias visões de mundo. Sugere o paradigma da educomunicação como sendo capaz de aproximar os campos da cultura, da comunicação e da educação e a utilização dos meios de comunicação de massa para fins educativos. Esta nova base conceitual exige que os estudantes sejam receptores ativos, tornando-se mais críticos e menos vulneráveis às mensagens que eles consomem e se tornem produtores de mídia, através de experiências vividas no processo educativo. Considera-se que as práticas educacionais são uma forma de fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra e contribuem para o *empoderamento* dos afrodescendentes que passam a se relacionar com os recursos midiáticos de forma crítica e inventiva, tornando-se protagonistas na produção de cultura, adquirindo uma postura mais cidadã, vinculando o processo de ensino e aprendizagem à vida.

Palavras-chave: educação, comunicação, educomunicação, afrodescendentes.

EDUCOMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

INTRODUÇÃO

Há mais de uma década foi sancionada a Lei 10.639/03 e ainda persistem os entraves para que a Legislação seja colocada em prática. O Estado Brasileiro assumiu o compromisso com vistas à eliminação de práticas de racismo e das diversas formas de discriminação dirigidas a grupos étnico-raciais. E o enfrentamento deste quadro suscitou a integração das perspectivas universalistas e diferencialistas na elaboração de políticas educacionais orientadas pelos valores da diversidade e do direito à diferenciação. Para

tanto, compreendeu-se que a Educação Básica e o Ensino Superior teriam que empreender esforços para a promoção de um mundo social mais justo e solidário e reconhecedor da diversidade étnico-racial, através das práticas pedagógicas indispensáveis para o atendimento destas exigências. Mas, a grande maioria das atividades pedagógicas orientadas pelos valores da diversidade e do direito à diferença, dependem ainda de gestores da educação e de professores comprometidos e sensíveis ao tema.

Parece indispensável realizar pesquisas empíricas para acompanhar, avaliar e compartilhar as investigações que tratam das ações que estão sendo adotadas para a implantação da Lei. Temos o compromisso social, político e educativo de refletir e buscar alternativas para a superação dos obstáculos, bem como dar a conhecer experiências exitosas no campo da educação das relações étnico-raciais. Esta é uma responsabilidade que nos cabe assumir, a de propor a construção de estratégias educacionais que visem o combate ao racismo, a discriminação e o preconceito, buscando a articulação das políticas públicas com os processos educativos.

A nossa proposta é a de oferecer referenciais para embasar boas práticas pedagógicas, a partir das pesquisas que vimos realizando. Temos refletido sobre a possibilidade de desenvolver a educação das relações étnico-raciais na educação escolarizada, trabalhando em torno do binômio Educomunicação¹. Anunciar mudanças é o que pretendemos, apontando para um novo paradigma em que estudantes afrodescendentes e descendentes de povos europeus e asiáticos, possam aprender, fazendo intervenções, realizando experiências positivas num contexto pedagógico que estimule o protagonismo, abrindo potência para a inovação, a diversidade e a horizontalidade.

Em nossa sociedade a mídia tem atuado de modo a sustentar e produzir o racismo estrutural e simbólico, veiculando um discurso que naturaliza a condição do branco no topo da hierarquia racial e a estereotipia na representação dos negros. Nas últimas décadas, pesquisas vêm indicando tênues mudanças, o avanço é limitado no

¹ Educomunicação é o ato de educar utilizando os meios de comunicação de massa e as tecnologias. É toda experiência de exercício da expressão comunicativa, possibilitada pela mediação tecnológica e pelo acesso a gestão democrática dos recursos da informação. Envolve os agentes sociais na implementação de ações voltadas para o planejamento e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos, com vistas à promoção da cidadania. (SOARES, 2000, 2011).

trato das questões étnico-raciais (SILVA, 2007). De acordo com o cineasta brasileiro, Joel Zito de Araújo (2007), estudos apresentam resultados que reiteram esta percepção diante da baixa representação, invisibilidade e a tendência de branqueamento de personagens negros nas mídias.

Não podemos deixar de considerar que nossas realidades de vida estão profundamente marcadas com experiências interativas com os meios de comunicação que influenciam em nossas visões de homem, de mundo, de sociedade, de conhecimento e educação. Raquel Paiva (2001), nos chama a atenção para a construção de nossa identidade que inegavelmente é atravessada pela estrutura da mídia, que assume um lugar social ao ditar condutas padronizadas para diferentes populações. John Thompson (1998), também alerta que os teóricos sociais têm dado pouca importância ao poder simbólico dos meios de comunicação, que vêm transformando o mundo desde a crescente circulação de materiais impressos no século XV, até o advento da Internet.

Precisamos romper com os modos tradicionais de formular as questões e de oferecer respostas às novas demandas da sociedade contemporânea e, nesse sentido, a educomunicação se coloca como um processo que possibilita a alteração de modelos preestabelecidos. A Educomunicação é reconhecida como um campo de intervenção social e de implementação de políticas de comunicação voltadas ao planejamento, à criação e ao desenvolvimento de ecossistemas educativos mediados por processos de comunicação e pelo uso das tecnologias da informação, conforme define o professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, nome de referência no campo da Educomunicação no Brasil. O Professor Ismar, juntamente com um grupo de especialistas, formou o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP – NCE/ECA/USP, em 1996, do qual é coordenador.

A educomunicação tem suas raízes em práticas construídas e reconhecidas socialmente. Foi se constituindo a partir do diálogo com a sociedade e tem um potencial para interferir na realidade. O pensamento de Soares (2011) foi influenciado por pensadores que contribuíram para o pensamento comunicacional na América Latina, tais como Paulo Freire, Mario Kaplún, John B. Thompson e Armand Mattelart. A formulação do conceito decorre de diferentes práticas nascidas no seio da sociedade civil e que posteriormente são avalizadas pelos estudos acadêmicos, tornando-se um novo campo epistemológico. É um desafio para a educação formal aderir essa

experiência que nasceu, no contexto dos embates das lutas dos movimentos sociais, em espaços não formais e informais de educação.

A educomunicação é um campo novo no que se refere à produção científica acadêmica, mas que vem se afirmando paulatinamente diante do avanço das conquistas tecnológicas e do uso das modernas tecnologias de comunicação. A Unesco já havia mencionando a expressão Educação para a Mídia (Media Education/ Media Interaction), identificando um campo de trabalho para a leitura crítica dos meios de comunicação.

Em decorrência disso, os professores têm de conviver com o novo *modus comunicandi*, próprio das novas tecnologias e com a moderna produção da cultura atrelada aos interesses do mercado e do sistema de comunicação que o serve, implicando na revisão do sentido da ação comunicativa presente no ato educativo e no papel do professor. Trata-se de educar pela comunicação, não apenas usando o instrumento da comunicação, mas que a comunicação e educação estejam em inter-relação nos processos educativos.

Os meios de comunicação social podem ser usados como instrumentos educativos, podendo ser uma ferramenta educacional poderosa e benéfica quando se oportuniza aos estudantes, além de questionamentos, a intervenção para a produção de novos conhecimentos. Nesta experiência interativa com os meios de comunicação os estudantes poderão desenvolver capacidades inovadoras de encontrar para novos problemas, novas soluções, atribuindo significado ao que assistem de forma crítica e construtiva, para inovar e intervir na realidade. Na perspectiva de Galvão e Ghesti (2003) as crianças e jovens não recebem passivamente o que é apresentado pela televisão e por outras mídias audiovisuais. Por isto, cabe proporcionar-lhes a interação com estes meios, expressando visões de mundo próprias, manifestando de forma autônoma, individual e coletivamente, as suas idéias, desenvolvendo ações.

Estamos diante de um processo capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas para além das utilizadas tradicionalmente: um novo campo de intervenção social, interdisciplinar, vivenciado nas práticas dos atores sociais. O que esperamos é que seja forte para corresponder as demandas da educação das relações étnico-raciais, uma vez que o que foi estabelecido é de que os sistemas de ensino e estabelecimentos educacionais, em diferentes níveis, deverão converter as demandas dos

afrodescendentes com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana com medidas coerentes com um projeto de educação e de escola que se delineiem nas relações pedagógicas cotidianas, sem o qual não obteremos o sucesso das políticas de Estado, Institucionais e Pedagógicas.

Interface entre educação e comunicação

A Educomunicação se define como uma interface entre a Comunicação e a Educação, integrando processos, agentes e práticas voltadas ao desenvolvimento humano através de estratégias que levem em conta o lugar central da produção cultural e o emprego adequado dos recursos tecnológicos contemporâneos.

As chamadas práticas educomunicativas não estão restritas às salas de aulas da educação formal, mas incluem todos os esforços realizados pela sociedade para aproximar os campos da cultura, da comunicação e da educação.

Essas práticas valorizam e contribuem para a formação do sujeito midiático – aquele que, além de receptor de mídia, deve ser capaz de produzir conhecimentos e informações e desenvolver o senso crítico para avaliá-los.

O professor ISMAR SOARES (2011) considerou que o campo da inter-relação comunicação/educação se materializa em algumas áreas de intervenção social e identificou algumas áreas para a prática educomunicativa que deverão ser cuidadosamente observadas pelos gestores e profissionais da educação, tais como: *Comunicação e Educação; Mediação Tecnológica; Reflexão Epistemológica; Gestão Comunicativa dos processos; Expressão comunicativa através das artes; Pedagogia da Comunicação; Produção Midiática* e o estudo destes campos de ação serão elementos imprescindíveis na formação de professores.

A utilização dos meios de comunicação de massa para fins educativos e de forma positiva, com o intuito de *empoderar* o público consumidor da mídia, não é um fenômeno novo. Alguns comunicadores, em suas respectivas épocas, tiveram propostas modernas e tentaram ensinar conteúdos relevantes e críticos, a exemplo de Roquette Pinto e sua rádio educativa.

Na atualidade, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação vem assegurando uma importância à linguagem audiovisual e inegavelmente foi nas últimas

décadas que se intensificou o uso da fotografia, rádio, cinema, televisão, vídeo e multimídia.

Mas, apesar de esforços isolados, os recursos de comunicação têm estado praticamente ausentes da escola. Falta na educação escolarizada maior reflexão sobre a importância da incorporação, pela escola, das diversas linguagens da comunicação, especialmente a audiovisual.

As multimídias introduziram som e imagem nas mais diferentes esferas da vida e em todos os processos comunicacionais, tornando-se imprescindível o emprego da linguagem audiovisual para promover aprendizagens significativas e críticas, no processo educativo, em vista do desenvolvimento de habilidades e competências por parte dos estudantes.

Educomunicação: uma forma de fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência crítica

Entendemos que as práticas educacionais resultantes das relações entre comunicação e educação, aqui entendida como educomunicação, serão eficazes nos estudos das relações étnico-raciais, contribuindo para a positividade da negritude e o reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana pelos não negros. Com a introdução do audiovisual nas atividades voltadas ao conhecimento, será ampliado o repertório de linguagens com as quais professores e estudantes se relacionam e se expressam, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico e o exercício da cidadania de afrodescendentes.

Para tanto, os educadores terão de estar capacitados, se apropriando de um referencial teórico e metodológico sobre o uso adequado da produção audiovisual, nos espaços educativos, nas mais diferentes modalidades, tais como a televisão, cinema e os vídeos.

E, ao tornar possível o desenvolvimento das habilidades cognitivas e comunicativas dos estudantes, possibilitar-se-á uma leitura adequada das mensagens midiáticas, ajudando-os a entender como são produzidas nossas visões de mundo, levando em conta a crescente importância que os meios de comunicação têm na vida das

peças, na formação de suas identidades, de seu imaginário, na produção de desejos e necessidades.

Todavia, não basta uma simples integração da informática às atividades escolares, é necessária uma mudança de mentalidade com relação ao uso das tecnologias da informação. A riqueza da linguagem audiovisual, assim como a interatividade dos meios de comunicação poderão contribuir para que os estudantes encontrem novas formas de integração social e de construção de uma nova prática comunicativa em um ambiente educativo construtivo em que predomine o trabalho coletivo, de efeito potencializador de aprendizagem e de estímulo à iniciativa e à criatividade.

Estamos diante de novas necessidades educacionais e os meios de comunicação não podem ser vistos apenas como uma panaceia, ou um recurso de ensino. A relação entre Educação e Comunicação, numa perspectiva da Educomunicação aponta para novos caminhos, onde serão gestados espaços de crítica e de intervenção para a produção de conhecimentos sobre a diversidade social, étnico-racial e cultural.

Os meios de comunicação desafiam os processos educativos e podem se tornar uma poderosa ferramenta educativa, contribuindo para o *empoderamento* de estudantes negros. Neste sentido, a escola pode se tornar um espaço privilegiado para o uso crítico dos meios de comunicação, um ambiente de reflexão e de exercício de direitos e deveres de cidadania.

Este novo paradigma, Educomunicativo, pode contribuir, por exemplo, para a construção da identidade positiva da criança negra que é discriminada no seu cotidiano, com chamamentos pejorativos, alcunhas, xingamentos e estereótipos relativos a tudo o que é associado à cultura negra. É imperativo o desenvolvimento das capacidades dos estudantes negros de interpretar como a linguagem é usada, identificando e discutindo questões de poder inscritas em diferentes textos, tais como literários, visuais, auditivos e de multimídia, possibilitando a eles a compreensão de como e porque sempre foram representados por mensagens estereotipadas e estigmatizadas. Assim, a educação escolarizada poderia realizar uma educação inclusiva, correspondendo à diversidade dos estudantes, sem discriminação.

Também é necessário levar em consideração a riqueza que a linguagem audiovisual nos proporciona enquanto leitura de mundo e de expressão e, desta forma, averiguar como as escolas as utilizam, contribuindo para que os afrodescendentes possam de forma autônoma e colaborativa, encontrar novas formas de integração social e de construção de uma nova prática comunicativa que lhes possibilite a inclusão social.

Esta nova base conceitual, desde o ponto de vista da Educomunicação, exige que sejam receptores ativos, tornando-se mais críticos e menos vulneráveis às mensagens que eles consomem, e se tornem produtores de mídia, através de experiências vividas na prática educativa, percebendo o papel que a mídia e a cultura podem desempenhar em suas vidas.

As práticas educacionais permitem novos olhares e discursos, contribuindo para o fortalecimento de identidades positivas dos afrodescendentes que passam a se apropriar de recursos midiáticos de forma crítica e inventiva, tornando-se protagonistas na produção de cultura, adquirindo uma postura mais cidadã, vinculando o processo de ensino-aprendizagem à vida.

É imprescindível repensar a escola, o que pressupõe a abertura ao paradigma da Educomunicação em sua gestão, currículo, projetos interdisciplinares e material didático-pedagógico. Considera-se que a criança é curiosa por natureza e busca descobrir o mundo que a cerca. Assim, temos que permitir que seus talentos se desenvolvam possibilitando a elas uma atitude ativa e negociadora de sentidos. Da mesma forma no que se refere à Educação de jovens e adultos.

Implica numa mudança de mentalidade, pois não basta integrar as múltiplas linguagens e as tecnologias disponibilizando as ferramentas, mas antes pensar no tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira.

Nesta perspectiva, o professor mediador das aprendizagens será um educador. E um educador poderá orientar com muito êxito um grupo, desde que favoreça a participação de todos, de forma que haja liberdade para o compartilhamento dos diversos saberes presentes no próprio grupo. A grande potência está no trabalho coletivo colaborativo e, no protagonismo.

Pode o educador, por exemplo, promover debates em sala de aula a partir da análise dos gêneros televisivos – telejornal, ficção, programas de auditório, esporte e publicidade – considerando a participação do negro na TV e tendo com parâmetro a realidade que o cerca, respeitando os princípios educacionais, os estudantes serão capazes de tomar decisões, decidindo coletivamente.

É premente em nossa sociedade o combate ao racismo e toda a forma de discriminação. E a Lei 10.639/03 busca a reparação humanitária do povo negro podendo ajudar a corrigir os danos de toda ordem sofridos pelos afrodescendentes. Contudo é preciso que juntamente com a inclusão no currículo escolar da história, vivências e a riqueza da cultura negra, se considere a importância do processo de ensino e aprendizagem, abrindo espaço para a participação de todos. Nisto consiste os fundamentos da educação: a perspectiva colaborativa, dialógica, que estimula o protagonismo.

Para Soares (2011), a Educação vai além do uso das tecnologias na educação. São novas formas de ensinar e aprender, que asseguram a pluralidade de vozes e o protagonismo de estudantes que se impregnam de várias visões de mundo. Neste sentido, é significativo criar um ambiente condizente com o paradigma da educação, promovendo práticas interativas e dialógicas podendo vir a ser uma forma de fomentar experiências exitosas para a educação das relações étnico-raciais.

Este paradigma que emerge da interface educação/comunicação pode impulsionar a valorização da diversidade brasileira e suas diversas manifestações. A prática educacional passa a ter relação com a produção de sentidos, e considera os sujeitos agentes criativos, que são desafiados a se posicionarem diante do mundo ao exercerem autonomia no processo educativo. Para tanto, a escola deverá guiar-se por um projeto democrático, elaborado coletivamente que reconheça e valorize tanto as semelhanças quanto às diferenças, comprometido com a educação de relações étnico-raciais positivas.

Rádio: um projeto educacional para o exercício da cidadania de afrodescendentes

A rádio comunitária contribui para o desenvolvimento social que se aplicam também aos demais meios comunitários de comunicação. Em outras palavras, desenvolvimento quer dizer avanço na qualidade de vida, quer dizer ampliação dos direitos de cidadania e pressupõe: a) a igualdade de acesso aos bens econômicos e culturais; b) possibilidades de participação política – desde participação nas pequenas associações até nos órgãos dos poderes públicos; c) usufruto das benesses geradas a partir da riqueza produzida socialmente e redistribuída. Todo desenvolvimento só faz sentido se estiver a serviço de cada pessoa e da coletividade como um todo, sempre baseado na participação ativa dos cidadãos. (PERUZZO, 2006)

Temos como premissa o entendimento de que não se aprende só nas escolas, colégios e nas universidades. Aprende-se também por intermédio dos meios de comunicação, na vivência cotidiana, nos relacionamentos sociais, nas reuniões das equipes, nas práticas comunicativas no âmbito da comunicação comunitária, nas oficinas visando melhoria do trabalho no rádio popular, ou seja, por dinâmicas de educação informal e não formal. É neste âmbito que acontece a educomunicação comunitária (PERUZZO, 2006).

O rádio, apesar de relativamente antigo, comparado com os mais novos meios de comunicação, como a televisão, a internet, as redes sociais e etc., ainda não tem sido devidamente difundido na rede de educação básica. No entanto, representa um instrumento rico em possibilidades pedagógicas e de grande abrangência, atingindo todas as camadas da população.

Aprender a utilizar o rádio como elemento integrado ao cotidiano escolar e a outras mídias é o nosso propósito, pois pretendemos oferecer uma reflexão e uma abordagem didático-pedagógica, sobre as diversas etapas e formas de sua utilização hoje disponíveis.

Nesse sentido, através desta reflexão, buscar-se-á compreender o papel do rádio na educação de crianças e jovens afrodescendentes, ilustrados por experiências que estão sendo realizadas nas escolas ou em comunidades, no Brasil, procurando trazer alguns aspectos da questão da linguagem radiofônica, de forma a auxiliar o professor no

processo de utilização do rádio como meio de expressão e de reflexão sobre sua função social.

Ao procurar entender e discutir a construção desses processos com os educadores e os orientar na concretização de uma proposta dessa natureza, entendemos que, com a exploração do rádio no processo educativo, o educando e o educador, juntos, terão a oportunidade de planejar e realizar uma significativa atividade coletiva, além de fazer conhecer sua cultura, de construir conhecimento, de ampliar sua cultura, se comunicar, se expressar, enfim, de **ter voz** e de **dar voz** à comunidade onde a escola está inserida. Nós estamos falando na grande meta de Paulo Freire (2006), de que a educação seja permanentemente uma educação dialógica. E é através do rádio, quando associamos o professor, o aluno, a comunidade, que nós ganhamos um espaço efetivo de prática de uma comunicação que vai trabalhar especialmente com o protagonismo dos atores sociais presentes na escola.

Pode-se dizer que as rádios comunitárias brasileiras, tal como concebidas hoje, surgiram a partir do acúmulo das experiências do uso do rádio como instrumento comunitário e basicamente democrático. Depois de muita discussão em torno do tema, em fevereiro de 1998 o Congresso regulamentou e instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária em nosso país. Recentemente, o namoro entre o Rádio e a Educação tem ocorrido, tanto na programação das emissoras, quanto em âmbito escolar com a implementação de projetos que, além de promover a escuta e análise de programas radiofônicos, estimulam a criação de rádios virtuais ou “emissoras” com transmissões em circuito fechado dentro das escolas. A programação de cunho pedagógico e cultural é geralmente produzida em conjunto por integrantes da comunidade escolar.

Na página do Educom.rádio na internet, o professor Ismar de Oliveira Soares, supervisor geral do projeto, aponta que os objetivos principais da educomunicação são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; identificar como o mundo é editado nos meios; facilitar o processo de ensino-aprendizagem através do uso criativo dos meios de comunicação; promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. Para tal, o projeto utiliza o rádio que, de acordo com Soares, atua tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade.

É provável que seja mesmo o rádio o veículo com maior possibilidade de ruptura com o modelo de comunicação vertical imposto pela mídia tradicional. Atualmente, o trabalho feito com crianças e adolescentes nas rádios comunitárias tem partido dos movimentos sociais, que visam educação dos meios de comunicação, mas muitas iniciativas partem das próprias rádios comunitárias. As emissoras desenvolvem atividades de valorização e autoestima dos moradores, de conscientização através da informação e formação cidadã.

Outra iniciativa importante é o trabalho realizado com rádio dentro das escolas como forma de educar os estudantes. Segundo Maria Inês Amarante (2004) foi na década de 80 que surgiram as primeiras experiências em ambiente escolar, como a Radioteca Jovem (RJ), Rádio RM 2002 (SP) e a Rádio Interna Vila Verde (PR). O rádio se configura como meio de fácil acesso, pois além de ter baixo custo de produção, também oferece a flexibilidade de locomoção e uma penetração bastante eficiente, por isso adquire uma importante dimensão social como: a radiodifusão no Brasil assume importância social à medida que o rádio figura como único meio de levar a escola e a informação até os habitantes de várias regiões que não têm acesso à educação ou às mídias locais, considerando as diversas razões de ordem geográficas, econômicas ou culturais. (Amarante, 2004, p.5)

Considerações Finais

A proposta de articular a educação e a comunicação sugere a importância de se discutir formas alternativa de manejo de classe, pressupondo o funcionamento de mecanismos e estratégias de ensino e de aprendizagem que podem vir a ser desenvolvidas pela escola e pelo currículo em relação à reeducação das relações étnico-raciais.

Mais do que dar indicações de como abordar tais questões, entendemos que nossa tarefa seria a de explicitar o paradigma educomunicativo, no intuito de trazer para o campo da educação um novo olhar, superando a visão estática, conteudista e limitadora do ensino ainda hoje presentes.

Considera-se indispensável à formação continuada de professores, ao longo da vida profissional, permitindo-lhes a reconstrução da ação pedagógica. A utilização dos

meios de comunicação como recursos pedagógicos trazem modificações na forma de lidar com os conteúdos que serão vivos, concretos, indissociáveis das realidades sociais. Esta é uma competência pedagógica a ser construída e praticada pelos profissionais da educação que juntamente com os estudantes se comprometem com um processo constante de investigação, de reflexão e de reconstrução do conhecimento. Contudo precisamos deixar claro que não se pretende reduzir esta análise à educação escolarizada, também se leva em conta os processos culturais, sociais e políticos mais amplos.

Ao introduzir novas perspectivas no trato pedagógico da questão étnico-racial possibilitaremos que os sujeitos interfiram com suas peculiaridades socioculturais, nos complexos processos de construção do conhecimento. Trata-se aqui de se levar em conta a diversidade de culturas, de valores, de vivências, bem como as semelhanças e diferenças como elementos constitutivos de cada ser humano.

A ideia é construir um ambiente que combine a cultura da escola com a cultura das mídias o que exigirá de nós uma mudança de postura e uma tomada de posição para a construção de um projeto educomunicativo, democrático, inclusivo, capaz de fomentar a cidadania comunicativa.

Referências

AMARANTE, Maria Inês. *Rádio comunitária na escola: protagonismo adolescente na comunicação educativa*. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Intercom, Porto Alegre, 2004.

APARICI, Roberto (org.). *Educomunicación, más allá del 2.0*. Madrid, Gedisa Editorial, 2010.

ARAÚJO, Joel Zito. *A criança negra na televisão brasileira*. Rio de Janeiro: RIO MÍDIA, 2007 (www.multirio.rj.gov.br).

ARAÚJO, Joel Zito. *O negro na TV pública*. Brasília. Fundação Palmares, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao fracasso escolar: preconceito e racismo, discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.). Racismo e Anti-Racismo na Educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

CITELLI, Adilson e COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALVÃO, Afonso; GHESTI, Ivânia. Impacto da educação nos primeiros anos: uma perspectiva psicológica. In: SIMPÓSIO EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO O PRESENTE. Anais Brasília: UNESCO Brasil, 2003, p. 99-115.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005.

GOMES OROZCO, Guillermo. Educomunicação: Recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Ed. Paulinas, 2014.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, nº 21, São Paulo, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa, estrangeiros na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1988.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LEI FEDERAL 10.639/03. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

LEI FEDERAL 11.645/08. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm

MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. Introdução aos estudos culturais. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEC/SECAD - Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientação e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

KAPLUN, Mario. Una pedagogía de la comunicación. Madrid, España: Ediciones de la Torre, 1998. Disponível em:

<https://groups.google.com/forum/#!topic/teoriasUFC2010/YF0GymxD1DI>

MESSIAS, Claudio. Duas décadas de educomunicação - da crítica ao espetáculo. 2011. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-24032012-102952/>>.

PERUZZO, Cicília. Palestra Direito à comunicação, 4º Encontro Regional de Comunicação, São Paulo, 2006.

PINHEIRO, Rose Mara. A Educomunicação nos centros de pesquisa do país. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/pt-br.php>

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Notas sobre os escritos do projeto “Racismo e Discurso na América Latina”. Trabalho apresentado no 6. Congresso Latinoamericano de Estudios Del Discurso (ALED 2007), Bogotá, 2007.

SOARES, Ismar; VIANA, Claudemir. Pais, filhos e Internet: a pesquisa TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012 na perspectiva da Educomunicação. In. BARBOSA, Alexandre F.(coord.) TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças.

São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. p. 47-54. Disponível em: <http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-kids-online-2012.pdf>

SOARES, Ismar; VIANA, Claudemir. Educomunicação: o Conceito, o Profissional, a Aplicação: Propostas para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Editora Paulinas, 2011. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/loja/?system=produtos&action=detalhes&produto=522104>

SOARES, Ismar; VIANA, Claudemir. Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/2013/10/artigos-do-professor-ismar-de-oliveira.html>

SOARES, Ismar; VIANA, Claudemir. Educomunicação: um campo de mediações. In: Comunicação & Educação. São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set./dez. 2000, no. 19, pp. 12-24. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/2013/10/artigos-do-professor-ismar-de-oliveira.html>

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social de mídia. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.

ZEFERINO, Genésio. Educomunicação e sua Metodologia: Um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível

em: http://dedalus.usp.br/F/4F75LUI7PXBTD4IJPP41CEP4P5UHPBA2RRDQGV5841IHTUEY1P-62502?func=full-set-set&set_number=179327&set_entry=000001&format=999